

COQUETEL DO ANARQUISTA CONTEMPORÂNEO
Da ação direta à sociedade anarquista



Harlon Homem de Lacerda Sousa
2014

HARLON HOMEM DE LACERDA SOUSA

Coquetel do Anarquista contemporâneo
Da ação direta à sociedade Anarquista.

Harlon Homem de Lacerda Sousa

2014

Este livro, *Coquetel do anarquista contemporâneo* apresenta-se em sua primeira versão escrita pelo anarquista professor Harlon Homem de Lacerda Sousa, no Ceará-Piauí, Brasil, no dia 29 de abril de 2014. Todas as ideias contidas neste livro podem e precisam ser lidas, debatidas, corrigidas e/ou acrescentadas por todxs aquelxs que desejarem construir este coquetel e uma sociedade anarquista.

O único pedido que faço é que cada modificação seja registrada e que xs autorxs posteriores acrescentem ao livro o seu nome, mantendo o nome dxs autorxs anteriores. O *Coquetel do anarquista contemporâneo* é como um talmude judeu, mas sem a torá! É claro que este coquetel traz instruções precisas para construirmos uma comunidade anarquista e ela deve ser construída, não devemos ficar só no discurso. Seja uma, duas ou milhares até matarmos por inanição as víboras que mantém o capitalismo, até destruímos completamente esse sistema pútrido!

CONTEÚ SUMÁRIO

(programa inicial de elaboração)

1. Breve informação sobre a Anarquia até hoje

(bakunin, kropotkin, malatesta, netlau, as experiências na Espanha, na Grécia, na França, na Itália no século XXI)

2. Formação político-ideológica-moral do Anarquista (Um anarquista hoje)

(O dialogismo e a relação axiológica: eu-para-mim, eu-para-o-outro; outro-para-mim; conceito de povo; materialismo dialógico; coletivização: como agregar e unir)

3. A ação direta viral

(do molotov à comunidade independente)

4. A anarquização da sociedade capitalista

(Economia alternativa; Cultura aberta; Educação múltipla não seriada; Justiça restaurativa; Saúde preventiva; Sustentabilidade; Inovação tecnológica de interesse coletivo; A descriminalização do diferente; Formas coletivas de lazer; Descriminalização dos alucinógenos; Culto religioso aberto e harmônico entre quaisquer indivíduos; Veiculação plural e caleidoscópica da informação; Lutas – revolução armada: como fazer?)

5. Mundos anarquistas

(A falácia democrática; o sistema anarquista; a liberdade individual; a liberdade coletiva; o fracasso das nações, manutenção da anarquia)

1. Breve informação sobre a anarquia até hoje

Max Nettlau, na sua História da Anarquia, trata das grandes temáticas das ideias libertárias que surgiram no mundo, desde a filosofia até o anarco-comunismo. Mas é exatamente o primeiro parágrafo de seu livro que nos chama atenção, assim como uma todas as perspectivas de anarquismo formuladas através dos tempos, seja por Bakunin, Kropotkin, Malatesta, Proudhon etc. Vejamos o que ele diz:

“Uma história da ideia anarquista é inseparável da história de todas as evoluções progressivas e das aspirações à liberdade. É preciso, pois, procurar estudar o momento histórico favorável em que surge essa consciência de uma existência livre pregada pelos anarquistas, cuja garantia só intervém após a supressão completa dos fundamentos autoritários, e sob a condição de que, paralelamente, os sentimentos sociais de solidariedade, reciprocidade, abnegação etc, tenham se desenvolvido o suficiente, adquirindo a mais ampla expansão”.

Com isso temos um quadro de perspectiva que relaciona as iniciativas e as ideias libertárias, contra o autoritarismo, que surgiram ao longo dos tempos. Todxs somos tributários dos homens e mulheres que lutaram e morreram em nome da liberdade. Hoje, em vários países que sofreram a crise de 2008, as pessoas procuram maneiras alternativas de vida: temos vários exemplos positivos na Grécia, na Itália, na França, na Espanha, no Brasil de pessoas que fogem das teias do capitalismo e vivem fora dele. Não é nosso intuito recuperar as ideias de todos os anarquistas que as escreveram. Os livros estão sempre a disposição na internet ou em alguma biblioteca ou, principalmente, os livros estão vivos em qualquer pessoa que tenha um ideal libertário contra o autoritarismo, a hierarquia e a opressão. Neste *coquetel do anarquista contemporâneo* aproveitamos, além das ideias de Nettlau, Kropotkin, Bakunin, Enrico Malatesta, o pensamento dialógico construído por Mikhail Bakhtin, pensador do século XX, conhecido nas letras e na história, que não esboçou nenhuma relação com a anarquia, mas que oferece a possibilidade de construirmos, a partir de suas ideias, uma sociedade que seja pautada nos “sentimentos sociais de solidariedade, reciprocidade, abnegação etc”.

Onde houver um grito de liberdade, contra a hierarquia, o autoritarismo e a opressão, há um anarquista e nem todos estão nos livros de história.

2. Um anarquista hoje

O mundo anarquista não é dialético. O mundo anarquista é construído dialogicamente. O diálogo ou o dialogismo é a ferramenta política, moral e cognitiva do anarquista hoje. Dialogismo, de forma geral e abrangente, quer dizer diálogo. A manutenção de ideias contrárias na construção de uma nova ideia. A sobreposição de ideias que mantém as anteriores num eco que não substitui uma ideia por outra, mas que constrói a evolução de um pensamento aproveitando todos os elementos das ideias conhecidas através dos diálogos. É o acúmulo da experiência através de vários diálogos que garante a existência do ser humano. Esta relação dialógica voltada para a sociedade é salutar na medida em que cada pessoa deve ser ouvida e sua opinião deve ser levada em consideração por todos que constroem uma sociedade pautada na união e na cooperação mútuas. Não existe opinião mais certa do que outra. Assim como não existe ninguém melhor do que outro. Todos são iguais e diferentes. Não há hierarquia. O mundo da vida é um mundo horizontal espacial e temporalmente. Só através do diálogo sem a perniciosa síntese dialética é que construímos uma sociedade igualitária e justa para todos. Dessa maneira os juízos de valor são concentrados em três perspectivas mútuas: o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-para-mim. Esses três juízos pensados e construídos de uma vez por um mesmo sujeito e por todos os sujeitos ao mesmo tempo garante a união da perspectiva na construção cooperativa de uma sociedade justa, anarquista. Eu devo perceber meu valor no mundo tanto em relação a mim mesmo, meus anseios e minhas necessidades quanto devo entender que estes anseios e necessidades precisam ser medidas e valoradas de mim para o outro além de perceber como eu me relaciono com o outro, devo também, imediatamente, perceber como o outro se relaciona comigo e como os juízos de valor dele para mim são construídos. Essa relação triádica, simultânea e própria a um único indivíduo construída também por todos os indivíduos coletivamente, estabelece a superação da cisão entre o mundo da hierarquização, da exploração do trabalho e o mundo da anarquia, da igualdade e cooperação entre todos. Uma cisão perniciosa entre a vida hoje e a felicidade. A superação dela, através da vida coletiva e do fim da exploração é possível de ser alcançada de dentro do próprio capitalismo, como um vírus que se hospeda e destrói o corpo hospedeiro. Assim, o povo, que é a

união de todas as pessoas livres para tomarem suas decisões não depende nem do estado, nem dos bancos, nem das indústrias, nem do comércio, nem de qualquer tipo de segregação e exploração promovida por instituições hierarquizantes e alienadoras. O materialismo dialógico promove a existência de ideias contrárias na construção de um caminho para o bem comum. Não há classes, há seres humanos. Lutamos apenas para a defesa e manutenção da felicidade construída na comunidade anarquista. O mundo coletivo, dialógico e anarquista é um mundo que agrega e une. Nenhuma liberdade individual pode ser desrespeitada e nenhuma liberdade coletiva pode ser destruída.

Coletivamente consolida-se o indivíduo que deve sempre pensar no bem integral da coletividade. O anarquista é aquele que vive em liberdade, coletivamente e unido com seus pares: os seres vivos.

3. A ação direta viral

O coquetel molotov é um instrumento de ação direta extremamente eficaz. Ele é o símbolo de uma resposta contra o sistema capitalista. Para os senhores e senhoras que detém o petróleo (seu maior bem combustível, motivador de guerras e exploração do trabalho por séculos) e que possuem seus exércitos armados com poder de fogo para destruir o mundo centenas de vezes, *NÓS TEMOS A RESPOSTA. COM POUCO MENOS DE UM LITRO DE QUEROSENE E UM LENÇO BRANCO UMEDECIDO DENTRO DE UMA GARRAFA NÓS ACENDEMOS A FAGULHA DA INDIGNAÇÃO CONTRA TODO O MAL QUE O CAPITALISMO TRAZ JUNTO COM SUAS FORÇAS OPRESSORAS.* É contra os bancos e as multinacionais que as chamas dispersas pela garrafa quebrada respondem; é contra a opressão e marginalização do povo que as chamas dispersas pela garrafa quebrada respondem. O coquetel molotov é um instrumento de ação direta. É uma ferramenta da anarquia. Mas não devemos unicamente bater no sistema (ele gosta de apanhar e revida em quem não pode se defender). Nós devemos ignorá-lo e sair dele. Há vários tipos de ação direta coletiva, que devem ser experimentadas pelos anarquistas: uma delas, e muito importante, é *O VOTO NULO.* Com a organização de ações diretas graduais e coletivas, a democracia representativa que usurpa e aliena o povo não vai mais colocar suas garras capitalistas em nós. Isso é perfeitamente possível. É perfeitamente prático e não guarda em nada

uma utopia (a não ser a parte da utopia que é o sonho e que é bom sonhar coletivamente). Nós podemos estabelecer a anarquização da sociedade capitalista.

4. A anarquização da sociedade capitalista

Acreditamos que quatro passos são fundamentais para procedermos com a destruição, a implosão do capitalismo no mundo. O primeiro passo está em refletirmos coletivamente com uma responsabilidade duplamente orientada para a sociedade capitalista e perguntarmo-nos: o que é ruim e destrutivo nesse mundo? O que é bom e traz benefícios para nós, individualmente e coletivamente? Parece claro que tenderíamos para uma resposta óbvia em dizer que este sistema é perverso e aniquila qualquer chance de vida e felicidade para nós. Mas, não. A decisão apaixonada não garante uma tomada de consciência efetiva e permanente. É necessária a reflexão, o peso e a medida justos para iniciarmos a corrosão do que acreditamos perverso e que precisa sair de nossas vidas. Ao entendermos e para quem assim entender que a construção coletiva de igualdade entre as pessoas é o caminho a ser trilhado, poderemos seguir para o segundo passo: a construção coletiva de uma visão de mundo arquetonicamente orientada para as relações: eu-para-mim, eu-para-o-outro, outropara-mim. Como eu avalio o meu próprio ser, em que medida, quais as minhas necessidades. No mesmo nível de preocupação, devemos pensar como eu avalio e convivo com o outro e como o outro me avalia e convive comigo. Somente com esta construção axiológica de permanente relação do eu com o outro, que destrói a centralidade do eu e pauta no diálogo as construções de visão de mundo é que poderemos estabelecer um convívio coletivo sem hierarquia. Em que todos e todas são iguais e diferentes ao mesmo tempo, e que cada semelhança e cada diferença devem ser respeitadas e defendidas coletivamente. Entendido isto, colhemos ferramentas e pessoas capazes de construir, organizar e implementar as instituições coletivas e autogeridas cooperativamente. Neste sistema atual, o povo que insiste em não ser destruído pelas grandes corporações criou e praticou vários tipos de ambiente os quais podem ser dispostos conjuntamente numa comunidade anarquizada e anarquizante. Desde a moeda social até uma educação múltipla e não-seriada temos exemplos que podem ser aplicados para a construção progressiva da total independência do sistema capitalista, do estado centralizador e da dominação global. Com todos os setores organizados e o bem coletivo estabelecido a independência da comunidade só

poderá ser garantida sem a intromissão das instituições burguesas com um aparato de defesa bem elaborado. Este é o quarto passo: faz-se necessário armas e treinamento de guerrilha urbana e rural para todos os membros aptos a lutar pela comunidade. Nosso horizonte de expectativa é motivado pelas comunidades do Arraial de Belo Monte, mais conhecido como Canudos, e do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Não teremos, obviamente, um líder religioso ou qualquer tipo de líder. Todos somos líderes de nossa comunidade e todos seremos um braço forte contra qualquer estado ou exército burguês que queira destruir nossa felicidade comum. Lembremos que o processo é gradual: da tomada de consciência até a declaração da independência da terra e do povo é preciso muita discussão e vontade objetiva, sem as quais a vida não tem sentido. Vejamos algumas experiências possíveis para a construção de uma comunidade anarquista gradual:

1) Economia participativa: o banco comunitário e a moeda social são instrumentos que promovem gradualmente a independência junto ao sistema financeiro capitalista. Junto com as cooperativas urbanas e rurais, a exploração do trabalho começa a ruir e, coletivamente, os bens materiais são construídos igualmente;

2) O trabalho cooperativo deve englobar desde a construção das casas (com materiais alternativos e sustentáveis – existem várias possibilidades) até a aquisição de elementos que gerem energia e água de forma independente do estado e das distribuidoras comerciais. Com um estudo de engenharia e tecnologias alternativas, é possível fazer o projeto de uma rede de energia, esgoto e tratamento do lixo totalmente independente do estado. (Coleta seletiva do lixo, captação de energia solar, reaproveitamento da água da chuva etc);

3) A noção de leis e regras não precisa ser postulada ou escrita aprioristicamente.

A primeira noção que deve ser destruída é a de uma relação entre crime e punição. Aquele que promover uma ação contra o indivíduo ou contra o bem coletivo deve refletir e responder por que promoveu tal ação e restaurar o bem destruído ou desculpar-se com a vítima. Mesmo um crime contra a vida pode ter outras formas de julgamento e de restauração da harmonia. A restrição da liberdade ou a pena de morte só é uma ferramenta eficaz para o mundo capitalista que segrega, aprisiona e mata em todos os níveis, não só o criminoso. Algo muito importante para se construir as decisões

coletivas é o fim da maioria simples. Uma proposta que é posta em votação e não tem todos os votos favoráveis deve ser rediscutida. Aqueles que não são favoráveis a alguma proposta (mesmo que seja uma pessoa em um milhão) devem ser ouvidos e se não se chegar a um consenso a favor de uma única proposta, deve-se encontrar uma maneira das duas propostas (a primeira e a segunda) serem realizadas por todos coletiva e cooperativamente.

4) A saúde preventiva é uma medida eficaz para a manutenção do corpo dos membros de uma comunidade independente. A felicidade promovida pela vida coletiva e pela igualdade, pela independência, já exclui a necessidade de várias doenças físicas e mentais inventadas pelo capitalismo. Isso não excetua a construção de farmácias comunitárias e de hospitais comunitários com equipamentos modernos de exame e tratamento, mas o acesso à esses hospitais comunitários é que deve ser completamente diferente do hospital capitalista ou estatal.

5) A educação, a manutenção do espírito, começa com a destruição e a ausência total da instituição escolar. Nossas crianças não deverão ser segregadas por idade ou por qualquer outro motivo. O ensino deve ser plural e universalizante. Os professores ensinarão todos os assuntos de interesse humano para formar a criança. As aptidões, seja para as letras ou para a física, devem ser trabalhadas ao máximo com o questionamento permanente e o exercício não impedindo que uma criança que já tenha a aptidão e o conhecimento seja cortada por conta da idade ou de qualquer outra limitação corporal. Não há salas, não há divisões, não há séries. Todo o conhecimento humano é essencial.

6) Todas essas ações (economia, trabalho, geração de energia, justiça, saúde e educação) devem ser desenvolvidas de forma sustentável com o equilíbrio ambiental. Afinal, um anarquista é aquele que vive coletiva e harmonicamente com os seus iguais e seus iguais são todos os seres vivos. Isso não exclui, pelo contrário, inclui a inovação tecnológica. Os aparelhos eletrônicos, a robótica, tudo o que promove o bem coletivo harmonicamente deve ser aproveitado e utilizado na comunidade.

7) Numa comunidade anarquista ou ainda que seja anarquizante, o diferente é a essência da igualdade. Seja qual for a escolha (religiosa, sexual, estética) do indivíduo, ela deve ser respeitada pela coletividade. Uma forma de promover a comunhão além da

organização política igualitária é a construção coletiva no lazer. Todos os jogos que promovam a igualdade e a cooperação devem ser utilizados numa comunidade coletiva.

8) O uso de substâncias químicas ou naturais que provocam alucinação ou mudam o estado psíquico do usuário não deve ser proibido numa comunidade que respeita as individualidades e o bem comum. Assim como a escolha religiosa, que deve garantir a igualdade e a liberdade do indivíduo e da coletividade deve ser de livre escolha.

9) A informação é de interesse de todos. Numa comunidade anarquista, a informação deve ser veiculada de várias formas e sob vários pontos de vista para que cada membro da comunidade construa sua própria opinião, sem qualquer sectarismo ou qualquer imposição hierárquica apriorística. Cada informação requer uma opinião e cada opinião é construída no ato da realização e não anteriormente.

10) Para garantir o modo de vida numa comunidade que se torne independente do estado e que chame a atenção dos representantes da burguesia é necessário uma estratégia de defesa. Seja qual for a natureza da comunidade anarquista (rural, urbana, mista etc) o estado pode tentar destruir e atacar os membros com coação ou pela força. Precisamos de armas, mísseis antiaéreos, munição, coquetéis molotov, fuzis, granadas, enfim. Todo tipo de arma que garanta a defesa da comunidade e uma estratégia de defesa elaborada para diversas formas de possível invasão do inimigo. É preciso dar treinamento sistemático para todos os membros capazes de lutar, de segurar armas e de defender-se. Há diversos manuais de guerrilha urbana e rural a disposição que devem ser incorporados à estratégia de defesa.

5. Mundos anarquistas

Um mundo anarquista é possível, mas podemos começar por uma fazenda coletiva, uma vila, uma cidade até espalharmo-nos pelo mundo inteiro como uma grande comunidade coletiva anarquista. Devemos acordar contra a falácia de democracia existente nesse mundo capitalista. No Brasil, por exemplo, a democracia representativa nasceu falida. Todos os partidos políticos, todas as ideologias que já assumiram o poder são falaciosas. Não há promoção de igualdade em nenhum aspecto. Apenas a promoção do consumismo e do empobrecimento e endividamento da população e do enriquecimento do povo rico. O sistema anarquista promove o fim da hierarquia. A igualdade plena. A liberdade individual e a liberdade coletiva. A criação das nações e dos estados

nacionais, no século XVI adiante foi promovida pelas classes dominantes com suas ideologias voltadas para a manutenção do status quo dos que já mandavam. A hierarquia sempre foi uma prerrogativa na construção das nações e dos estados. Uma sociedade anarquista não tem pátria, não tem estado, não tem hierarquia. Todxs somos seres humanos e seres vivos num mesmo lugar: o planeta terra. Uma sociedade anarquista promove sempre a igualdade e a coletividade.

Podemos construir várias células anarquistas ao redor do mundo garantindo a liberdade de fala, de culto, de pensamento de todos que queiram viver harmoniosamente e coletivamente dentro da igualdade e sem hierarquia social ou de qualquer tipo. Somo todos vivos. Somos todos anarquistas!

Este livro *Coquetel do anarquista contemporâneo* é apenas o lenço branco. É preciso coloca-lo na garrafa, adicionar querosene, colocar fogo e, o mais importante, as mãos que irão arremessa-lo contra o capital pra tocar-lhe fogo até a destruição total!